

A CHINA JÁ GANHOU?

KISHORE MAHBUBANI

# A CHINA JÁ GANHOU?

TRADUÇÃO

Paulo Tavares e Sara M. Felício



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2020

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

Uma coisa é certa.

O confronto geopolítico que eclodiu entre os Estados Unidos e a China manter-se-á por mais uma ou duas décadas. Embora tenha sido o presidente Donald Trump a lançar a primeira ofensiva, em 2018, os efeitos continuarão a fazer-se sentir para além da sua administração. Trump dividiu os Estados Unidos em todas as suas políticas, exceto numa: a guerra comercial e tecnológica contra a China. De facto, recebeu forte apoio bipartidário nessa decisão, havendo atualmente um crescente consenso no corpo político americano de que a China representa uma ameaça para os Estados Unidos. O general Joseph Dunford, chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos (em inglês, Joint Chiefs of Staff – JCS), afirmou que «a China representará, provavelmente, a maior ameaça para a nossa nação por volta de 2025».<sup>1</sup> O resumo da Estratégia de Defesa Nacional dos Estados Unidos de 2018 refere que a China e a Rússia são «potências revisionistas» que

---

<sup>1</sup> Ryan Browne, «Top US General: China Will Be “Greatest Threat” to US by 2025», CNN, 27 de setembro de 2017, <https://edition.cnn.com/2017/09/26/politics/dunford-uschina-greatest-threat/index.html>.

procuram «moldar um mundo em linha com o seu modelo autoritário – adquirindo autoridade de veto sobre as decisões económicas, diplomáticas e securitárias das outras nações».<sup>2</sup> Segundo Christopher Wray, o diretor do FBI: «Uma das coisas que estamos a tentar fazer é ver a ameaça da China não só como uma ameaça a todo o governo, mas uma ameaça a toda a sociedade [...] e penso que, da nossa parte, será essencial uma resposta de toda a sociedade.»<sup>3</sup> Até mesmo George Soros, que gastou milhões de dólares a tentar evitar que Trump fosse eleito, o elogiou na questão chinesa. Soros disse: «A maior – e, talvez, a única – política externa concretizada pela administração Trump tem sido o desenvolvimento de uma política coerente e genuinamente bipartidária em relação à China de Xi Jinping.»<sup>4</sup> Soros também acrescentou que a administração Trump estava certa em declarar a China um «rival estratégico».

Ainda assim, apesar de o poder instalado ter, em grande medida, apoiado entusiasticamente Trump na questão chinesa, é curioso observar que ninguém declarou que os Estados Unidos estão a cometer um enorme erro estratégico ao lançarem esta ofensiva sem terem desenvolvido primeiro uma estratégia global e abrangente para lidar com a China.

O homem que me alertou para esta evidência foi o Dr. Henry Kissinger, um dos maiores pensadores estratégicos dos Estados Unidos. Ainda me lembro vividamente do almoço que tive com ele numa das salas privadas do seu clube, no centro de Manhattan,

---

<sup>2</sup> *Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America: Sharpening the American Military's Competitive Edge*, <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>.

<sup>3</sup> Michael Kranz, «The Director of the FBI Says the Whole of Chinese Society Is a Threat to the US – and That Americans Must Step Up to Defend Themselves», *Business Insider*, 13 de fevereiro de 2018, <https://www.businessinsider.sg/china-threat-to-america-fbi-director-warns-2018-2>.

<sup>4</sup> George Soros, «Will Trump Sell Out the U.S. on Huawei?», *Wall Street Journal*, 9 de setembro de 2019, <https://www.wsj.com/articles/will-trump-sell-out-the-u-s-on-huawei-11568068495>.

em meados do mês de março de 2018. No dia do almoço, temi que o mesmo fosse cancelado devido à previsão de uma tempestade de neve para aquele dia. Apesar do aviso meteorológico, Kissinger apareceu. E acabámos por ter uma bela conversa de duas horas. Para lhe fazer justiça, Kissinger não disse propriamente que faltava aos Estados Unidos uma estratégia a longo prazo para a relação com a China. Mas foi essa a mensagem que fez transparecer durante o almoço. E é também essa a grande mensagem do seu livro *Da China*.

Por contraste, os Estados Unidos refletiram aprofundadamente antes de mergulharem na Guerra Fria com a União Soviética. O estratega-mor que formulou a bem-sucedida estratégia americana de «contenção» contra a União Soviética foi George Kennan. Esta estratégia foi inicialmente explicada ao público num famoso artigo que Kennan escreveu na revista *Foreign Affairs*, sob o pseudónimo «Mr. X», uma adaptação do seu «Longo Telegrama» («Long Telegram»), escrito em fevereiro de 1946. Kennan escreveu-o quando ocupava o importante cargo de diretor do Planeamento de Políticas do Departamento de Estado, cuja principal missão é a planificação estratégica a longo prazo.

Entre setembro de 2018 e agosto de 2019, este cargo foi ocupado pela professora Kiron Skinner, da Universidade Carnegie Mellon. Em 29 de abril de 2019, num painel de discussão pública, Skinner revelou que, em resposta ao ressurgimento da China, o seu departamento ainda estava a tentar encontrar uma estratégia abrangente que igualasse a que fora definida pelo seu predecessor George Kennan.

Quando trabalhei no Serviço de Relações Exteriores de Singapura, também me foi incumbida a tarefa de redigir documentos estratégicos a longo prazo para o governo singapurense. A grande lição que aprendi com três mestres geopolíticos excecionais de Singapura (Lee Kuan Yew, Goh Keng Swee e S. Rajaratnam) foi

a de que o primeiro passo para formular qualquer estratégia a longo prazo deve consistir no enquadramento das questões certas. Se não percebermos quais são as perguntas a colocar, as respostas também serão as erradas. Mais importante ainda, como S. Rajaratnam me ensinou, ao formularmos tais questões, teremos sempre de «pensar no impensável».

Neste espírito de «pensar o impensável», gostaria de sugerir dez áreas que geram perguntas a abordar pela equipa do planeamento de políticas. Tendo-me reunido com George Kennan uma vez no seu escritório no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Nova Jérсия, no final da década de 1990, acredito que ele favoreceria a decisão de enfrentar sem rodeios os desafios mais duros que temos pela frente.

## Os Dez Grandes Desafios

1. Com 4 por cento da população do planeta, os Estados Unidos detinham perto de 50 por cento do PIB global no final da Segunda Guerra Mundial. Durante a Guerra Fria, o PIB da União Soviética nunca se aproximou do PIB dos Estados Unidos, alcançando apenas 40 por cento do mesmo no seu ponto mais alto.<sup>5</sup> Poderá o PIB dos Estados Unidos tornar-se inferior ao da China nos próximos trinta anos? Em caso afirmativo, que mudanças estratégicas terão os Estados Unidos de fazer para um período em que já não serão a potência económica dominante?

---

<sup>5</sup> Robert O. Work e Greg Grant, *Beating the Americans at Their Own Game: An Offset Strategy with Chinese Characteristics*, Centro para uma Nova Segurança Americana, 2019, <https://s3.amazonaws.com/files.cnas.org/documents/CNAS-Report-Work-Offset-final-B.pdf?mtime=20190531090041>.

2. Deverá o principal objetivo dos Estados Unidos consistir na melhoria dos meios de subsistência dos seus 330 milhões de cidadãos ou na preservação de um papel de primazia no sistema internacional? Se houver contradições entre o objetivo de preservar este papel e o de melhorar o bem-estar dos cidadãos, a qual deles deverá ser dada prioridade?
3. Durante a Guerra Fria, as fortes despesas americanas com a defesa revelaram-se prudentes, na medida em que forçaram a União Soviética, um país com uma economia mais pequena, a igualar as despesas militares dos Estados Unidos. No final, este aspeto ajudou a levar a União Soviética à falência. A China aprendeu a lição com o colapso da União Soviética e tem restringido as suas despesas com a defesa, centrando-se no desenvolvimento económico. Será sensato para os Estados Unidos continuarem a investir fortemente no orçamento da defesa? Ou será melhor cortarem nestas despesas e diminuir o seu envolvimento nas dispendiosas guerras no estrangeiro, investindo mais, ao invés, na melhoria dos serviços sociais e na renovação das infraestruturas nacionais?
4. Os Estados Unidos não venceram a Guerra Fria sozinhos. Formaram alianças sólidas com os seus parceiros ocidentais da OTAN e cultivaram importantes amigos e aliados no terceiro mundo, como a China, o Paquistão, a Indonésia e o Egito. Para preservar estas estreitas alianças, os Estados Unidos mantiveram a economia aberta aos seus aliados e estenderam generosamente a sua ajuda. Acima de tudo, durante a Guerra Fria, os Estados Unidos eram conhecidos por terem um espírito generoso. A administração Trump anunciou a política da *America First* e ameaçou impor tarifas a aliados-chave como a União Europeia e o Japão, bem como a países do terceiro mundo como a Índia. Poderão os

Estados Unidos desenvolver uma coligação global sólida para contrabalançar o poder da China se, ao mesmo tempo, alienarem os seus aliados-chave? Terá sido a decisão americana de abandonar a Parceria Transpacífica um presente geopolítico para a China? Terá já a China preparado uma investida preventiva contra uma política de contenção ao desenvolver novas parcerias económicas com os seus países vizinhos através da Iniciativa Cinturão e Rota (a chamada «Nova Rota da Seda»)?

5. A arma mais poderosa que os Estados Unidos poderão usar para alinhar tanto os aliados como os adversários de acordo com os seus interesses não são as forças armadas, mas o dólar. O dólar americano tornou-se praticamente indispensável para o comércio e para as transações financeiras ao nível global. Nesse sentido, representa um bem público global ao serviço da economia global interdependente. Como as instituições e os bancos estrangeiros não têm como não o usar, os Estados Unidos têm beneficiado da aplicação extraterritorial das suas leis internas e puderam impor multas pesadas a bancos estrangeiros por terem violado essas mesmas leis ao negociarem com o Irão e outros países alvo de sanções. Os adversários dos Estados Unidos como a Coreia do Norte e o Irão foram também obrigados a sentar-se à mesa das negociações devido a sanções financeiras com efeitos extremamente negativos. As sanções americanas a estes países funcionaram melhor quando eram apoiadas e validadas por instituições multilaterais, como o Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU), cujas decisões são vinculativas para os estados-membros da ONU. Sob a administração Trump, os Estados Unidos trocaram as sanções multilaterais por unilaterais e transformaram o dólar numa arma a ser usada contra os seus adversários. Será sensato

transformar um bem público global numa arma e usá-la para fins unilaterais? Neste momento, não existem alternativas práticas ao dólar. Mas será sempre assim? Será este o calcanhar de Aquiles da economia americana que a China poderá perfurar e enfraquecer?

6. Ao desenvolver uma estratégia contra a União Soviética, Kennan enfatizou que era vital para os americanos «criarem entre os povos do mundo a impressão geral de um país» bem-sucedido internamente que desfrutava de uma «vitalidade espiritual». <sup>6</sup> O professor Joseph Nye descreveu esta característica como um *soft power* <sup>7</sup> dos Estados Unidos. Entre as décadas de 1960 e 1980, este *soft power* subiu em flecha. No entanto, desde o 11 de Setembro, os Estados Unidos têm violado a lei internacional e as convenções internacionais dos direitos humanos (e tornaram-se no primeiro país ocidental a reintroduzir a tortura). Neste contexto, o *soft power* dos Estados Unidos tem diminuído consideravelmente, sobretudo sob a liderança de Trump. Estará o povo americano preparado para fazer os sacrifícios necessários ao reforço do *soft power* do seu país? Poderão os Estados Unidos vencer a batalha ideológica contra a China se forem vistos como uma nação «normal», em vez de «excecional»?
7. O general H. R. McMaster, conselheiro de Segurança Nacional do presidente Trump entre 2017 e 2018, afirmou que, em última análise, a disputa entre os Estados Unidos e a China representava a luta entre «as sociedades livres e abertas e os sistemas autoritários fechados». <sup>8</sup> Se esta afirmação

---

<sup>6</sup> Mr. X (George Kennan), «The Sources of Soviet Conduct», *Foreign Affairs*, julho de 1947, 581.

<sup>7</sup> Termo utilizado na teoria das relações internacionais que, em português, pode ser traduzido por «poder de influência» ou «poder de persuasão» (*N. de E.*).

<sup>8</sup> Debates Munk, Toronto, 9 de maio de 2019.

estiver correta, todas as «sociedades livres e abertas» deverão sentir-se igualmente ameaçadas pelo Partido Comunista Chinês. Das três maiores democracias do mundo, duas são asiáticas: a Índia e a Indonésia. Nem a Índia nem a Indonésia sentem os seus regimes democráticos ameaçados de alguma forma pela ideologia chinesa. E o mesmo acontece com a maioria das democracias europeias. Ao contrário da União Soviética, a China não está a tentar desafiar ou ameaçar a ideologia americana. Ao tratar o novo desafio chinês como idêntico à antiga estratégia soviética, os Estados Unidos estão a cometer o erro clássico de travar a guerra de amanhã com as estratégias de ontem. Serão os estrategas americanos capazes de desenvolver novos enquadramentos analíticos que reflitam a essência da competição com a China?

8. Em qualquer competição geopolítica de relevância, a vantagem recai sempre sobre a parte que consegue permanecer racional e fria face à parte guiada pelas emoções, consciente ou inconscientemente. Como Kennan sabiamente observou, essa «perda de calma e autocontrolo» é um sinal de fraqueza. Mas serão as reações dos Estados Unidos à China guiadas pela razão? Ou, ao invés, por emoções subconscientes? Há muito tempo que a psique ocidental aloja um medo inconsciente do «perigo amarelo». Kiron Skinner salientou que a contenda com a China era com uma potência «não caucasiana». Ao fazê-lo, acabou por ilustrar o que está em causa nas reações emocionais à China. No ambiente politicamente correto de Washington será possível aos estrategas sugerir uma perspectiva politicamente incorreta, mas verdadeira, sem que esta seja politicamente trespassada?
9. Sun Tzu, um dos principais mestres chineses em termos de estratégia, referiu em tempos: «Daí a máxima: “Conhece o inimigo, conhece-te a ti mesmo, e a vitória nunca está em

causa, nem em cem batalhas.” Aquele que se conhece a si mesmo mas não conhece o inimigo sofrerá uma derrota por cada vitória. Aquele que não se conhece a si mesmo nem conhece o inimigo sucumbirá em todas as batalhas.»<sup>9</sup> Conhecerão os Estados Unidos o seu rival chinês? Não estarão, por exemplo, os Estados Unidos a cometer um erro de percepção elementar ao verem o PCC como um Partido *Comunista* da China? Tal implicaria que a alma do PCC está incorporada nas suas raízes comunistas. No entanto, aos olhos de muitos observadores objetivos do continente asiático, o PCC funciona, na verdade, como o «Partido *Civilizacional* da China». A sua alma não está enraizada na ideologia estrangeira do marxismo-leninismo, mas na civilização chinesa. A tarefa mais importante de um estratega é de tentar entrar na mente do adversário. Nesse sentido, aqui fica um teste: que percentagem da mente de um líder chinês está preocupada com a ideologia marxista-leninista e que percentagem com a rica história da civilização chinesa? A resposta talvez surpreenda muitos americanos.

10. Em *Da China*, Henry Kissinger enfatizou que a estratégia chinesa era guiada pelo jogo chinês do *weiqi* (围棋) e não pelo xadrez ocidental. No xadrez ocidental, a ênfase é colocada em encontrar a forma mais rápida de capturar o rei. No *weiqi*, o objetivo é o de acumular, lenta e pacientemente, posições de vantagem para interferir no equilíbrio do jogo a nosso favor. A ênfase é colocada na estratégia a longo prazo, não nos ganhos a curto prazo. Não estará, portanto, a China a adquirir posições de vantagem que tornam, aos poucos, o jogo de estratégia a seu favor? Curiosamente, os Estados Unidos fizeram duas grandes tentativas para deter os movimentos

---

<sup>9</sup> Sun Tzu, *A arte da guerra*, trad. Ricardo Silva (Famalicão: Quasi, 2008).

a longo prazo da China. Ambas falharam. Na primeira, a administração Obama tentou evitar que os seus aliados integrassem o Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas (Asian Infrastructure Investment Bank – AIIB), uma iniciativa da China. Na segunda, a administração Trump esforçou-se para impedir que os seus aliados participassem na BRI, outra iniciativa chinesa. Estarão os Estados Unidos a pôr de lado os recursos suficientes para a competição a longo prazo? Terá a sociedade americana a força e a energia inerentes para igualar o jogo a longo prazo da China?

O propósito de levantar estas questões é o de estimular um debate estratégico, de pensar o impensável, para dissecar e compreender as muitas dimensões complexas da contenda geopolítica entre os Estados Unidos e a China que se desenrolará na próxima década. Um dos objetivos deste livro é a promoção do pensamento pragmático e racional sobre um tema inevitavelmente complexo e movediço. Uma das questões fundamentais que qualquer estratégia americano deve colocar antes de mergulhar num conflito geopolítico de grandes dimensões está relacionada com o grau dos riscos envolvidos. Em poucas palavras, poderão os Estados Unidos perder? Este cenário parece inconcebível. Tanto em termos físicos como morais, há muito tempo que os Estados Unidos se têm visto a si mesmos como a nação mais forte. Durante o último século, a economia americana e, conseqüentemente, o seu exército têm sido os mais poderosos do mundo. A vantagem natural de ocupar um continente pouco povoado, a par do carácter inovador e do vigor das instituições americanas (sobretudo os mercados livres, o Estado de direito e as universidades) e do povo americano, convenceram os Estados Unidos de que nenhuma outra nação se conseguirá aproximar do seu nível de capacidade de invenção e produtividade.

Na dimensão moral, para a maioria dos cidadãos americanos, a ideia de que uma sociedade livre e aberta como a dos Estados Unidos, a democracia mais forte do mundo, poderia perder uma disputa com uma sociedade comunista fechada como a da China é inconcebível. Os cidadãos americanos são propensos a acreditar que o bem triunfa sempre sobre o mal e que nenhum sistema político é inerentemente tão bom quanto o concebido pelos fundadores da república. Esta constatação poderá explicar, em parte, a crescente demonização da China nos últimos anos. Quanto mais a China é retratada como um agente maléfico (sobretudo ao gorar as expectativas americanas de que progressivamente se abriria e se tornaria uma sociedade democrática através do envolvimento com os Estados Unidos), mais fácil é aos cidadãos americanos persistirem na crença de que acabarão por triunfar sobre a China, independentemente das probabilidades.

Os Estados Unidos também se orgulham de ser uma sociedade racional. Em vários aspetos, tal corresponde à verdade. Trata-se de uma sociedade herdeira da grande história da civilização ocidental com os seus alicerces na razão e na lógica. A revolução científica que impulsionou a civilização ocidental permitiu o seu domínio. Com a vantagem de um mercado vibrante, das universidades mais fortes e das elites mais instruídas do mundo, os Estados Unidos deram como adquirido que nenhuma outra sociedade estaria à sua altura nas dimensões críticas das forças económica e militar, do engenho intelectual e da supremacia moral.

Os cidadãos americanos também presumiram que, como tinham a sociedade mais aberta do planeta, os vários mecanismos desta sociedade aberta alertariam os Estados Unidos se estes tomassem uma direção errada. Infelizmente, tal não se verificou nas últimas décadas. A maioria dos americanos desconhece que o rendimento médio da população dos Estados Unidos que se situa nos 50 por cento da base da tabela diminuiu ao longo de um

período de trinta anos.<sup>10</sup> Esta constatação não se deve apenas a uma tomada de direção errada. Como será documentado neste livro, os Estados Unidos afastaram-se significativamente de alguns dos princípios mais importantes que definiram a justiça social na sociedade americana. O maior filósofo político e moral dos últimos anos nos Estados Unidos foi John Rawls. Através das suas obras, Rawls tentou destilar a sabedoria dos grandes filósofos europeus, com os quais os Pais Fundadores dos Estados Unidos aprenderam. Infelizmente, muitos americanos desconhecem o quanto se afastaram de alguns dos princípios fundadores mais relevantes do seu país.

No mesmo sentido, poucos americanos têm noção de que o mundo mudou em muitas dimensões críticas desde que o seu país atingiu o auge do poder na década de 1950. Em 1950, em termos de PPC (paridade do poder de compra), os Estados Unidos detinham 27,3 por cento do PIB mundial, enquanto a China detinha apenas 4,5 por cento.<sup>11</sup> No final da Guerra Fria, em 1990, um momento triunfante, os Estados Unidos detinham 20,6 por cento e a China 3,86 por cento. Em 2018, detinham 15 por cento, menos do que a China (18,6 por cento).<sup>12</sup> Neste aspeto crucial, os Estados Unidos já caíram para o segundo lugar. Poucos americanos estão a par deste facto; menos ainda ponderaram sobre o que ele significa.

Além disso, o contexto global em que se jogará a rivalidade entre os Estados Unidos e a China será muito diferente daquele

---

<sup>10</sup> Danny Quah, «The US Is, Indeed, the Exceptional Nation: Income Dynamics in the Bottom 50%», Escola de Políticas Públicas Lee Kuan Yew, janeiro de 2019, <http://www.dannyquah.com/Quilled/Output/2019.01-Danny.Quah-Income-Dynamics-in-the-Bottom-50.pdf>.

<sup>11</sup> Angus Maddison, «Table B–20. Shares of World GDP, 20 Countries and Regional Totals, 0–1998 A.D.», in *The World Economy: Volume 1: A Millennial Perspective; Volume 2: Historical Statistics* (Paris: OCDE, 2006), 263.

<sup>12</sup> Banco Mundial, «GDP, PPP (current international \$) – United States, China, World», 1990–2018, base de dados do Programa de Comparação Internacional do Banco Mundial, <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.CD?locations=US-CN-1W>.

da Guerra Fria. O mundo transformou-se num lugar mais complexo. É agora evidente que, embora não seja impossível, a continuação dos Estados Unidos enquanto potência mundial preeminente será cada vez mais improvável, a não ser que o país se adapte ao novo mundo que está a emergir.

Na arena do dinamismo civilizacional, o mundo está a regressar a algo semelhante a um equilíbrio histórico entre diferentes civilizações humanas. Durante duzentos anos, o desempenho da civilização ocidental ultrapassou em muito o do resto do mundo, permitindo-lhe reverter um precedente histórico: desde o ano 1 até 1820, a China e a Índia foram sempre as maiores civilizações em termos de poder económico. Nesta perspetiva, os últimos duzentos anos foram uma aberração.

Uma das razões que impedem o Ocidente de continuar a dominar o mundo é o facto de as restantes nações terem aprendido muito com ele, incorporando muitas das melhores práticas ocidentais nas suas economias, políticas, práticas científicas e tecnologias. Em resultado disso, enquanto muitas partes da civilização ocidental (sobretudo a Europa) parecem exaustas, com falta de dinamismo e energia, há outras civilizações que estão precisamente a começar a aquecer os seus motores. Neste ponto, as civilizações humanas são idênticas aos outros organismos vivos. Têm ciclos de vida. A civilização chinesa foi tendo muitos altos e baixos. Não deveria ser surpresa que esteja agora a regressar em força. Ao sobreviver ao longo de dois mil anos, a China desenvolveu fortes sustentáculos civilizacionais. O professor Wang Gungwu observou que, embora o mundo tenha tido muitas civilizações antigas, a única delas que caiu quatro vezes e se voltou a erguer foi a chinesa. Enquanto civilização, a China é espantosamente resiliente. E o povo chinês também é espantosamente talentoso. Ao olharem para trás, contemplando um período de dois mil anos, os chineses sabem bem que as últimas três décadas sob a liderança

do PCC têm sido as melhores três décadas que a civilização chinesa viveu desde que foi unificada por Qin Shi Huang em 221 AEC. Ao longo da maior parte dos últimos dois mil anos, a grande reserva de poder mental disponível na população chinesa não foi desenvolvida sob o domínio do sistema imperial chinês. Durante as últimas três décadas, pela primeira vez na história da China, essa capacidade intelectual tem sido aproveitada numa escala gigantesca. A confiança cultural, que os chineses possuem há séculos, combinada com o que a China aprendeu com o Ocidente, conferiu à civilização chinesa um vigor especial nos nossos dias. Após visitar a China em 2019, Jean Fan, uma investigadora sino-americana na área da psicologia, referiu que o país «está a mudar de uma forma profunda e visceral, a um ritmo muito veloz, quase incompreensível se não o testemunharmos pessoalmente. Em claro contraste com a estagnação americana, a cultura, o autoconceito e o moral da China estão a sofrer uma rápida transformação – em, grande medida, para melhor».<sup>13</sup> Se um indicador pudesse medir a força e a resiliência relativas de diferentes civilizações humanas com base no seu desempenho real ao longo de dois mil anos, a civilização chinesa ocuparia provavelmente o lugar cimeiro. Atualmente, o extraordinário vigor da civilização chinesa não é um caso isolado. Também outras civilizações asiáticas estão a prosperar porque o Ocidente ensinou bem o resto do mundo e partilhou o seu exemplo amplamente.<sup>14</sup>

Posso falar com segurança sobre o vigor civilizacional de diferentes sociedades asiáticas graças a uma particularidade cultural. Tenho laços culturais com várias sociedades da Ásia, onde vive metade da humanidade, desde Teerão até Tóquio. Nasci em

---

<sup>13</sup> Jean Fan, «The American Dream Is Alive in China», *Palladium Magazine*, 11 de outubro de 2019, <https://palladiummag.com/2019/10/11/the-american-dream-is-alive-in-china/>.

<sup>14</sup> Kishore Mahbubani, *A queda do ocidente? – Uma provocação*, trad. Sara M. Felício e Paulo Tavares (Lisboa: Bertrand, 2018).

Singapura, em 1948, sendo filho de pais sindis hindus. Nessa medida, estou ligado a mais de mil milhões de hindus na Ásia do Sul. Nove dos dez países do Sudeste Asiático têm também uma base cultural índica. Quando vejo as histórias do Ramayana e do Mahabharata – tão presentes na minha infância – representadas no Sudeste Asiático, sinto-me ligado a elas. Mais de 550 milhões de pessoas vivem neste espaço índico do Sudeste Asiático. Os meus pais deixaram o Paquistão em 1947, devido à dolorosa divisão entre a Índia hindu e o Paquistão islâmico. Quando era criança, aprendi a ler e escrever na língua sindi, com o seu alfabeto perso-árabe. O meu nome, Mahbubani, também deriva de uma palavra perso-árabe, *mahboob*, que significa «amado». Por isso, quando visito as esferas árabes ou iranianas, também sinto uma ligação cultural com elas. Quando visito os templos budistas na China, na Coreia ou no Japão, sinto igualmente o abraço da afinidade cultural. O budismo, que tem as suas raízes no hinduísmo, surgiu na Índia. Durante a minha infância, a minha mãe costumava levar-me a rezar em templos budistas.

Esta ligação pessoal a um leque abrangente de sociedades asiáticas, bem como os meus dez anos como embaixador na ONU, convenceu-me de que, no universo dos assuntos internacionais, a textura e a química do mundo também sofreram mudanças que a maioria dos americanos desconhece. A ONU é composta por 193 nações. Uma das questões elementares que deveríamos colocar é esta: que país – a China ou os Estados Unidos – está a nadar na mesma direção da maioria dos restantes 191?

A maioria dos americanos presume que as políticas e as aspirações externas dos Estados Unidos estão naturalmente em harmonia com as do resto do mundo, uma vez que os Estados Unidos desempenharam um papel de liderança mundial durante décadas. É verdade que, depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos definiram as orientações gerais para a ordem liberal

internacional (que, em bom rigor, deveria ser denominada «ordem internacional baseada em regras»). As principais instituições multilaterais globais, incluindo a ONU, a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM), foram todas criadas no auge do poder americano. E, nesse sentido, refletem os valores americanos. Em termos de identidade cultural, são todas de orientação ocidental e não asiática ou chinesa. Ainda assim, apesar de consagrarem valores e prioridades ocidentais, os Estados Unidos têm-se afastado destas instituições nos últimos anos, enquanto o resto do mundo, em particular a China, tem caminhado na direção delas.

Em suma, a vitória dos Estados Unidos nesta disputa não está garantida. A China tem hipóteses igualmente boas de emergir como detentora da influência dominante no mundo. Na verdade, são muitos os líderes e observadores ponderados de países estrategicamente sensíveis em todo o planeta que se começaram a preparar para um cenário em que a China possa chegar à posição cimeira.

No entanto, tal como foi um erro estratégico para os pensadores americanos tomarem por garantido o êxito, seria um erro estratégico igualmente colossal para a China concluir o mesmo. Apesar das muitas vantagens da China em termos de dimensão e resiliência civilizacional, seria imprudente se os líderes chineses subestimassem as forças estruturais da economia e da sociedade dos Estados Unidos. A China pagou um preço elevado nos últimos anos por se ter tornado insensatamente arrogante depois de a crise financeira mundial de 2008-2009 (que, de forma mais precisa, deveria ser apelidada de «crise financeira ocidental») ter atingido as economias do Ocidente. Na altura da crise em torno do Lehman Brothers, o muito badalado sistema financeiro americano parecia ter sido encostado às cordas. De maneira precipitada, os líderes chineses começaram a fazer declarações

depreciativas sobre os Estados Unidos. Dez anos mais tarde, os Estados Unidos ripostaram. Por isso, se eu fosse um dos principais conselheiros chineses do presidente Xi Jinping, exortá-lo-ia a sobrestimar, e não a subestimar, as forças americanas. E, se me pedissem para redigir um memorando ao presidente Xi sobre os principais pontos fortes dos Estados Unidos, escreveria o seguinte:

### **Memorando para o Camarada Xi Jinping: Preparação para a Grande Luta com os Estados Unidos**

**1 de janeiro de 2020**

Daqui por vinte anos, assinalaremos o ducentésimo aniversário do período mais humilhante da história da China. O povo chinês foi forçado pelos britânicos a aceitar ópio como pagamento pelo nosso valioso chá. Como o camarada Xi salientou, «com a Guerra do Ópio de 1840, a China mergulhou nas trevas da confusão interna e da agressão externa; o seu povo, assolado pela guerra, viu a pátria dilacerada, vivendo na pobreza e no desespero». <sup>15</sup> Éramos fracos. Sofremos cem anos de humilhação, até o presidente Mao, na cerimónia de fundação da República Popular da China, ter afirmado: «o povo chinês ergueu-se.» <sup>16</sup>

Hoje, somos fortes. Nenhuma potência consegue humilhar a China. Temos o caminho bem traçado para o rejuvenescimento

---

<sup>15</sup> Xi Jinping, «Garantir uma vitória decisiva na construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspetos e esforçar-se para o sucesso do socialismo de características chinesas para uma nova era», discurso proferido no 19.º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, 18 de outubro de 2017.

<sup>16</sup> *Xinhua*, «From 'Standing Up' to Rejuvenation: New China after 65 Years», *People's Daily Online*, versão inglesa, 2 de outubro de 2014, <http://en.people.cn/n/2014/1002/c90882-8790595.html>.

nacional. Na abertura do 19.º Congresso Nacional do PCC, o camarada Xi inspirou-nos ao lembrar que «o tema do Congresso é o de permanecermos verdadeiros quanto à nossa aspiração original e mantermos a nossa missão vincada nas nossas mentes: erguer bem alto o estandarte do socialismo com características chinesas, assegurar uma vitória decisiva na construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspetos, lutar pelo grande sucesso do socialismo com características chinesas numa nova era e trabalhar incansavelmente para cumprir o Sonho Chinês do rejuvenescimento nacional». <sup>17</sup>

No entanto, enfrentamos hoje também o maior desafio ao rejuvenescimento da China. Tínhamos a esperança de que o «belo país» (os Estados Unidos) permanecesse adormecido durante a ascensão da China. Infelizmente, ele acordou. Temos de nos preparar para as próximas décadas de luta intensa antes de alcançarmos a nossa meta de rejuvenescimento nacional.

Seria um enorme erro estratégico se subestimássemos as grandes capacidades dos Estados Unidos. O povo chinês teme o caos. No passado, foi a principal força que fez a China sucumbir e trouxe miséria para o seu povo. É notório que, atualmente, os Estados Unidos estão envoltos no caos. O presidente Donald Trump tem sido uma figura polarizadora e desagregadora. A sociedade americana não esteve assim tão dividida desde a Guerra Civil de 1861-1865.

O caos deveria ser um sinal de fraqueza. Contudo, para os Estados Unidos, é um sinal de força. O caos é o resultado da discussão ruidosa e vociferante sobre o rumo que os Estados Unidos devem tomar. E as pessoas discutem ruidosamente

---

<sup>17</sup> *Xinhua*, «Full Text of Xi Jinping's Report at 19th CPC National Congress», *China Daily*, versão inglesa, atualizada a 4 de novembro de 2017, [http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-11/04/content\\_34115212.htm](http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-11/04/content_34115212.htm).

porque acreditam que o país lhes pertence a elas e não ao governo. Este sentido de propriedade do país gera uma tremenda sensação de plenos poderes individuais entre o povo americano. A cultura chinesa valoriza mais a harmonia social do que a capacitação individual. Com a cultura americana acontece o oposto.

Esta sensação de plenos poderes individuais permitiu que a sociedade americana gerasse algumas das mais poderosas individualidades do planeta Terra. Na maioria das sociedades, o prego que fica saliente costuma ser martelado. Segundo o ditado chinês, «uma árvore alta leva com o vento» (*shù dà zhāo fēng*, 树大招风), ou seja, uma pessoa numa posição elevada é mais propensa a ser atacada. Nos Estados Unidos, a árvore alta é adorada. Daí que os cidadãos americanos mais admirados e respeitados sejam indivíduos bem-sucedidos como Bill Gates, da Microsoft, Steve Jobs, da Apple, ou Jeff Bezos, da Amazon. Até Mark Zuckerberg e Elon Musk permanecem figuras admiradas, mesmo apesar de as suas empresas, Facebook e Tesla, serem alvo de muitas críticas. Nenhuma sociedade detém um ecossistema tão poderoso como a americana para produzir indivíduos fortes.

A nossa sociedade não consegue replicar esta grande capacidade dos Estados Unidos. A China ergueu-se novamente, passados cem anos, devido a uma personalidade eminente como Mao Tsé-Tung. A sociedade americana produz muitas personalidades como Mao Tsé-Tung.

A segunda grande vantagem estratégica dos Estados Unidos é o seu acesso às melhores mentes da humanidade. A população chinesa, 1,4 mil milhões de pessoas, é quatro vezes superior à dos Estados Unidos. Em teoria, a China poderia aceder a uma maior reserva de talento entre a sua população. No entanto, como Lee Kuan Yew sabiamente

salientou, os Estados Unidos possuem a capacidade de atrair os melhores talentos de qualquer ponto do mundo. Ao contrário de muitos países, os Estados Unidos aceitam de boa vontade, e como seus cidadãos, as pessoas nascidas no estrangeiro se estas forem bem-sucedidas na sociedade americana. Assim se explica o facto de, nos últimos anos, muitos dos diretores executivos de grandes empresas serem cidadãos americanos nascidos no estrangeiro, como Indra Nooyi, da PepsiCo, Sundar Pichai, da Google, Satya Nadella, da Microsoft, e Andy Grove, da Intel. Ter nascido no estrangeiro não é uma desvantagem. Por oposição, nenhuma grande empresa ou instituição chinesa é gerida por uma pessoa nascida no estrangeiro.

A terceira grande vantagem estratégica dos Estados Unidos reside nas suas instituições fortes. Embora a sociedade americana acredite na capacitação individual e a encoraje, não depende de líderes individuais fortes. Ao invés, confia em instituições fortes para proteger a sociedade. Os fundadores da república americana foram verdadeiramente brilhantes ao redigirem uma Constituição que disponibilizava um sistema de pesos e contrapesos (*checks and balances*). O presidente eleito democraticamente e o Congresso têm muito poder. Mas os seus poderes são também supervisionados por outras instituições, como os meios de comunicação social mais livres do mundo e o Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Quando o Supremo Tribunal deliberou que a interdição à entrada de pessoas muçulmanas no país, defendida pelo presidente Donald Trump, era inconstitucional, Trump *não* pôde recorrer ao Exército para destituir o Supremo Tribunal (como muitos presidentes de muitos países fizeram). Nos Estados Unidos, o Estado de direito é mais forte do que o governo em funções.

A robustez do Estado de direito e das instituições americanas explica a fé do mundo inteiro no dólar americano. Esta

fé está na base do seu estatuto de principal moeda de reserva mundial, conferindo aos Estados Unidos o «exorbitante privilégio» de imprimir dinheiro para sustentar os seus défices fiscais e de balança corrente. Nos últimos anos, os Estados Unidos também usaram o dólar enquanto arma poderosa para punir ou pressionar outros países. A China não dispõe desta arma.

A nossa economia costumava ser um décimo da dos Estados Unidos, ascendendo agora a mais de 60 por cento.<sup>18</sup> O nosso país também comercializa mais com o resto do mundo do que os Estados Unidos. Somos responsáveis por 10,22 por cento do total das importações mundiais e 12,77 por cento do total das exportações mundiais<sup>19</sup>, enquanto os Estados Unidos registam 13,37 por cento das importações mundiais e 8,72 das exportações mundiais.<sup>20</sup> No entanto, em termos de transações comerciais, o dólar ainda corresponde a 41,27 por cento de todas elas, enquanto o *renminbi* (RMB) corresponde a 0,98 por cento.<sup>21</sup>

Como se explica esta discrepância? Tal acontece porque os países e os indivíduos ricos têm fé no dólar. O RMB não conseguirá substituir o dólar nas transações financeiras globais porque, para esse efeito, teríamos de o tornar uma moeda completamente convertível. E a nossa economia não terá as condições necessárias para o fazer nos próximos tempos. Por isso, o dólar continuará a reinar ainda durante muitas décadas.

A quarta grande vantagem estratégica dos Estados Unidos é a de ter as melhores universidades do mundo. Ao longo da

---

<sup>18</sup> Fundo Monetário Internacional, *World Economic Outlook 2018* (Washington, DC: FMI, 2018).

<sup>19</sup> «China», Organização Mundial do Comércio, 2017, <http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFView.aspx?Country=CN>.

<sup>20</sup> «United States of America», Organização Mundial do Comércio, 2017, <http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFView.aspx?Country=US>.

<sup>21</sup> SWIFT, *RMB Internationalisation: Where We Are and What We Can Expect in 2018*, <https://www.swift.com/resource/rmb-tracker-january-2018-special-report>.

história da humanidade, as sociedades mais bem-sucedidas foram sempre aquelas que acolheram diversas escolas de pensamento. No período mais criativo da China, surgiram muitas escolas de pensamento em simultâneo: a confucionista, a taoísta, a legalista. Hoje em dia, os Estados Unidos lideram o mundo no acolhimento de visões diversas. As universidades americanas criaram o ecossistema intelectual mais poderoso do mundo. Esta cultura de desafio e crítica à sabedoria convencional, por seu turno, gera criatividade e inovação. Daí que, na generalidade das áreas, os Estados Unidos geram mais vencedores do Prémio Nobel do que qualquer outro país. A certa altura, na década de 1980, o Japão pareceu poder desenvolver uma economia mais próspera do que a dos Estados Unidos. Todavia, mesmo no auge do seu sucesso, produziu relativamente menos vencedores do Prémio Nobel. As universidades americanas têm nos seus quadros centenas de pessoas laureadas com o Nobel.

Estas grandes universidades servem um outro propósito crítico para os Estados Unidos: disponibilizam as vias através das quais as melhores mentes do mundo são atraídas para viver e trabalhar no país. Tais universidades, como Harvard, Yale, Stanford e Columbia, não olham para a nacionalidade ou grupo étnico de uma pessoa quando a contratam, limitando-se a escolher as melhores mentes, independentemente da sua origem. São poucas as universidades de outros países que conseguem estar à altura das universidades americanas de topo na captação e preservação do talento global. O único país que, mais tarde, poderá ter uma população maior do que a da China é a Índia. A China não conseguirá atrair os melhores talentos da Índia. Os Estados Unidos já o fazem e continuarão a fazê-lo. Este aspeto criará, no futuro, uma relação simbiótica entre a Índia e os Estados Unidos. Os dois maiores concorrentes

com que a China poderá ter de lidar no futuro, os Estados Unidos e a Índia, poderão unir-se e trabalhar juntos. Devemo-nos empenhar ao máximo para evitar que tal aconteça.

A quinta grande vantagem estratégica, que também explica o extraordinário sucesso das suas universidades, é o facto de os Estados Unidos também fazerem parte de uma grande civilização, a civilização ocidental. Desde o início da história humana, a nossa civilização manteve-se ao mesmo nível de muitas civilizações europeias. Na verdade, inventámos mais produtos do que elas, como a pólvora, a bússola, o papel e a impressão.<sup>22</sup> Ainda assim, a nossa civilização foi ultrapassada pelo Ocidente depois de este ter vivido o grandioso Renascimento, o Iluminismo e, finalmente, a Revolução Industrial. Tudo isto conduziu ao grande século de humilhação, após a Guerra do Ópio de 1840. Seria um erro estratégico, portanto, subestimar a força e a vitalidade da civilização ocidental.

Ser membro da notável civilização ocidental confere muitos benefícios aos cidadãos americanos. Dá-lhes uma enorme confiança cultural, tal como o nosso povo obtém confiança cultural do facto de pertencer à nossa grande civilização. No entanto, os Estados Unidos não são o único membro daquela civilização.

Os distintos países da Europa, bem como a Austrália, o Canadá e a Nova Zelândia, também integram esse grupo. Por isso, em qualquer competição geopolítica, os Estados Unidos não estarão sozinhos. Há uma forte relação de confiança entre todos os membros da civilização ocidental, sobretudo entre as nações de matriz anglo-saxónica que integram a Aliança dos Cinco Olhos (Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido

---

<sup>22</sup> «Four Great Inventions of China», Embaixada da República Popular da China em Antígua e Barbuda, 12 de novembro de 2013, <http://ag.china-embassy.org/eng/zggk/t1098061.htm>.

e Estados Unidos). À medida que a competição geopolítica for aquecendo entre os nossos dois países, as outras nações do Ocidente ajudarão os Estados Unidos, direta ou indiretamente.

Para concluir, ao iniciarmos a nossa grande luta com os Estados Unidos, o maior erro estratégico que poderíamos cometer seria o de subestimar o seu poder e força. Este país surgiu do nada há duzentos e cinquenta anos. É muito mais novo do que nós. No entanto, apesar da sua juventude, ou talvez devido a ela, é uma das sociedades mais dinâmicas alguma vez criadas na história da humanidade. Preparemo-nos, pois, para a maior disputa geopolítica jamais vista. Taremos de vencer esta contenda se desejarmos alcançar a nossa meta histórica de completo rejuvenescimento nacional até 2049.<sup>23</sup>

Este memorando poderá ser ficcional, mas acredito que capta com precisão as verdadeiras percepções acerca dos Estados Unidos entre a elite chinesa. Trata-se de uma elite que respeita genuinamente as enormes capacidades americanas. Até mesmo o fundador da Huawei, Ren Zhengfei, declarou publicamente o seu respeito pelos Estados Unidos, apesar de a sua filha ter sido presa e a sua empresa ter sido maltratada neste país. Em resultado disso, os líderes chineses esforçar-se-ão ao máximo para evitar, tanto tempo quanto possível, uma disputa geopolítica total com os Estados Unidos. É paradoxal, porém, que a grande contenda geopolítica que se desenrolará entre os Estados Unidos e a China nas próximas décadas seja igualmente inevitável e evitável. É inevitável porque muitos dos responsáveis políticos que tomarão as decisões táticas orientadoras desta disputa estão possuídos por uma

---

<sup>23</sup> Song Wei, «Xi Thought Leads to Chinese Dream», *China Daily*, atualizado a 2 de janeiro de 2018, <http://www.chinadaily.com.cn/a/201801/02/WS5a4ac774a31008cf16da487a.html>.

psicologia que vê toda a competição entre as grandes potências como um jogo de resultado nulo. Nesse sentido, se a China aumentar os seus destacamentos navais no mar da China Meridional, um mar vizinho, a Marinha dos Estados Unidos encarará esse cenário como uma perda e intensificará a sua presença na região. Ainda assim, como espero vir a mostrar, não existe um conflito de interesses de fundo entre os Estados Unidos e a China na manutenção da segurança das vias marítimas internacionais para a liberdade de navegação. Na verdade, o interesse da China a este respeito é maior do que o dos Estados Unidos.

Um dos principais objetivos deste livro é o de fazer dispersar o espesso nevoeiro de equívocos que envolveu a relação sino-americana, na tentativa de possibilitar a ambos os lados um melhor entendimento dos interesses fundamentais de cada um, ainda que não os possam aprovar.

Um melhor entendimento não conduzirá necessariamente à paz e à harmonia. Por motivos puramente ideológicos, qualquer administração americana deverá mostrar-se solidária com os manifestantes em Hong Kong que clamam por mais direitos. A opinião pública do país exige que os Estados Unidos apoiem as manifestações. No entanto, qualquer administração americana astuta deveria também saber equilibrar a opinião pública com uma boa compreensão dos interesses fundamentais dos líderes chineses. Um líder chinês que pareça brando em relação aos territórios outrora retirados à China, no maior momento de fraqueza desta nação no século XIX, será condenado pelo seu próprio povo e rapidamente removido do cargo que ocupa.

É minha esperança, portanto, que os leitores deste livro, após a análise dos argumentos expostos, venham a desenvolver um melhor entendimento das dinâmicas mais profundas que impelem ambos os lados. Este livro também abre espaço para uma conclusão possivelmente mais otimista. Se acreditarmos que vivemos

numa era da razão, na qual as políticas públicas são orientadas por cálculos pragmáticos e racionais e por uma compreensão geopolítica dos interesses fundamentais de cada um, será possível que ambos os lados desenvolvam políticas a longo prazo que evitem um caminho inexorável rumo a um confronto desnecessário.

Existe uma estatística importante de que tanto os líderes americanos como os chineses deveriam estar a par: vivem 330 milhões de pessoas nos Estados Unidos e 1,4 mil milhões na China. São números significativos, embora a população combinada de ambos os países (1,7 mil milhões) não chegue a perfazer 35 por cento da população mundial. Uma parte substancial dos restantes 75 por cento começou agora a perceber e a aceitar que a humanidade vive num pequeno planeta, interligado e em perigo, do qual todos dependemos. Por isso, haverá pouca tolerância do resto do mundo face a medidas irracionais adotadas quer pelos Estados Unidos quer pela China.

Na sua Declaração de Independência, os Pais Fundadores dos Estados Unidos intimaram o povo americano a mostrar um «respeito digno para com as opiniões dos homens». Se alguma vez houve um tempo para acatar tal conselho, esse tempo é o atual. O mundo é um lugar complicado. Este livro retirar-lhe-á a complexidade e também recomendará como poderá ser gerido.

Para chegarmos ao feliz destino desta conclusão otimista, precisaremos primeiro de viajar através de territórios infelizes. Deste modo, começaremos por analisar os maiores erros estratégicos cometidos pela China e pelos Estados Unidos. Muitas das dolorosas observações apresentadas neste livro poderão causar desconforto tanto a leitores chineses como a leitores americanos. Ainda assim, a única forma de a China e os Estados Unidos aprenderem a trabalhar juntos é a de entenderem onde ambos os lados falharam. E é aqui que a nossa viagem começa.